

PIERRE CLASTRES E SUA RELAÇÃO COM A ANTROPOLOGIA HIPERDIALÉTICA

Cynthia E. F. Thomas

Mestranda HCTE/UFRJ

cynthiathomasbr@gmail.com

A antropologia hiperdialética, conceito inovador proferido por Mércio Pereira Gomes, tem por objetivo revolucionar esta linha da ciência social. Baseado em conceitos lógicos da filosofia, estrutura todos os ramos antropológicos e os expõe. O intuito deste trabalho é relacionar a obra de Pierre Clastres, antropólogo francês estruturalista com a lógica clássica aristotélica. Para isso, é necessário revisitar as quatro lógicas conhecidas, apresentar a lógica hiperdialética, analisar os ramos antropológicos e por fim, buscar na obra de Clastres sua relação com a referida lógica, verificando a sua interseção com a filosofia hiperdialética.

Existem quatro tipos de lógicas da filosofia ocidental, amplamente conhecidas. São estas a lógica da identidade, da diferença, a dialética e a clássica aristotélica (ou diferença). Estas quatro lógicas foram trabalhadas pelo filósofo Luiz Sergio Coelho de Sampaio como uma base estruturada para definir a quinta lógica, a lógica hiperdialética, que se caracteriza por subsumir todas as outras quatro e adicionar uma nova diferença. A todas estas lógicas podemos relacionar dimensões do ser para compreender o fenômeno humano e as veremos a seguir.

A primeira lógica é a lógica da identidade (I), a do Ser-em-si, que pode ser atribuída ao filósofo Parmênides, por seu pensamento estrito ao princípio da identidade, no qual todo objeto é idêntico a si mesmo. Em suas palavras, “Os únicos caminhos da investigação em que se pode pensar: um, o caminho que é e não pode não ser, é a via da Persuasão, pois acompanha a Verdade; o outro, que não é e é forçoso que não seja, esse digo-te, é um caminho totalmente impensável. Pois não poderás conhecer o que não é, nem declará-lo.” Ao princípio da identidade, podemos relacionar a dimensão do fenômeno humano como autoidentidade, em que o Ser não reconhece aquilo que é diferente de si.

Já na lógica da diferença (D), podemos relacionar o filósofo Heráclito e seu pensamento de “Tu não podes descer duas vezes no mesmo rio, porque novas águas correm sempre sobre ti”. Aqui, claramente identificamos que este pensamento é o oposto do apresentado na lógica da identidade.

“A lógica da diferença representa tanto a permanente continuidade do Ser quanto sua inconsistência, mutabilidade e ainda ser caráter paradoxal.” (Mércio, p.19)

Platão pode ser considerado o primeiro pensador da lógica dialética (I/D), pois a fim de superar o dilema grego do Ser e o não-Ser, das lógicas anteriores, fundamentados pelos pré-socráticos Parmênides e Heráclito, fez uma síntese dos dois pensamentos, resultando na dialética. Segundo Hegel, a dialética governa a mudança consistente e direcionada, a transformação do Ser, por assim dizer, do próprio pensamento, e por isso é possível relacionarmos o conceito histórico nesta dimensão.

A lógica sistêmica ou clássica (D^2), gerada por Aristóteles e amplamente difundida na sociedade moderna, define a sistematicidade do Ser. É a lógica que não admite inconsistências, paradoxos e indeterminações. Para Aristóteles, havia 4 causas para a existência das coisas: material, eficiente, formal e final: a causa material indica aquilo do que a coisa é feita; a eficiente, aquilo que dá origem ao processo de que a coisa surge; a formal é a coisa em si; e a finalidade é aquilo para o qual a coisa é feita.

Esta lógica rege a ciência em geral, principalmente a matemática e a física. “Em suma, a lógica sistêmica abriga em si as três lógicas anteriores, o que significa que ela leva em conta a coisa em si e sua temporalidade (I), sua alteridade e espacialidade (D), seu conceito e sua historicidade (I/D), e, por fim, seu caráter sistêmico (D^2).

Acima de todas as lógicas, coloca-se a lógica hiperdialética (I/D^2) concebida por Sampaio. Em sua obra, ele indica que esta rege todas as demais, dando-lhes sentido de integração e transcendência. É uma lógica com caráter utópico e revolucionário, pois infere que pode ser a chave para a solução de problemas normalmente considerados insolúveis. Uma lógica que contém todas as outras lógicas. É um trabalho genuíno que pode ser pesquisado no livro “A Lógica Ressuscitada” do referido autor.

Com o estudo da filosofia hiperdialética e discussões com Sampaio, o antropólogo Mércio Gomes vem sugerindo a revolução da Antropologia com o conceito de Antropologia Hiperdialética. Uma nova linha de pesquisa que visa integrar todos os ramos antropológicos relacionados às quatro lógicas bases, utilizando a lógica hiperdialética para a criação deste novo ramo antropológico.

A Antropologia, a saber, é uma ciência social que visa a estudar o ser humano e humanidade. É a ciência da cultura. Relativamente nova quando caracterizada como “pensamento formal e com características científicas” (Mércio, pg.42), pois os pré-socráticos já se questionavam

a respeito das relações sociais e o seu impacto no comportamento humano. Mesmo sendo ficção, podemos considerar o livro *Utopia*, de Thomas Morus (1478-1535), um marco inicial da antropologia formal.

Dos quatro grandes ramos da antropologia centrados no fenômeno humano, o particularismo histórico, o funcionalismo estrutural, o evolucionismo sociocultural e o estruturalismo, vamos focar neste último, no qual está inserido o trabalho do antropólogo francês Pierre Clastres. Antes disso, faz-se necessário uma identificação geral dos demais ramos para caracterizar com mais clareza o estruturalismo.

O evolucionismo, baseado no trabalho de Darwin, utiliza as sociedades primitivas como fonte de comparação, colocando as sociedades civilizadas como superiores. Surge daí o termo etnocentrismo. Neste ramo, podemos identificar a mudança cíclica como fator central e por isso relacionar a lógica dialética ao próprio. Hegel e Marx, posteriores a Platão, conceituaram a dialética inserindo um caráter histórico e totalitário, com um início bem demarcado por Lewis Henry Morgan, que baseava seus estudos no progresso e evolução das formas sociais.

Na Escola sociológica francesa – comumente chamada de funcionalismo estrutural –, Émile Durkheim inicia e trabalha a visão do inconsciente coletivo agindo sobre os indivíduos conscientes, daí claramente conseguimos fazer a relação deste ramo antropológico com a lógica da diferença, que se define pela dimensão do inconsciente.

Contemporaneamente a Durkheim, Franz Boas está inserido no ramo do particularismo cultural, em que defende que “A cultura é o que é, transparentemente, e não há nada fora dela que a possa explicar.” (Mercio, p.52). O fenômeno humano, portanto, pode ser declarado uma entidade autoidentificada. A lógica da identidade é então a relação direta do particularismo cultural.

O estruturalismo, ramo fundamentado por Claude Lévi-Strauss já no século XX, centraliza seu debate na idéia da existência de regras que estruturam a cultura e assume que estas regras constroem pares de oposição para organizar o sentido. Ao termos regras estruturando a cultura, automaticamente remetemos ao conceito de sistema, e analogamente, à lógica sistêmica.

Pierre Clastres, também estruturalista, em seu livro “A sociedade contra o estado”, comenta diversos textos analisando principalmente a questão do poder nas sociedades indígenas e como relacionar poder *versus* Estado. Acaba sendo um documento de antropologia política já que baseando-se nas sociedades primitivas, verifica o poder de sua chefia e poder é o direito de agir, de decidir, de mandar.

Em 10 capítulos, que podem ser lidos separadamente, critica e analisa diferentes textos e acaba estruturando todo o seu raciocínio filosófico para abarcar no último capítulo, homônimo do livro, onde conclui seu trabalho investigativo sobre o poder nas sociedades primitivas em comparação com o poder e o Estado nas sociedades civilizadas.

No primeiro capítulo, Copérnico e os selvagens, Clastres critica um texto de Lapierre, Ensaio sobre o fundamento do poder político, onde observa o poder nas sociedades arcaicas. Onde constata que o poder existe nestas sociedades totalmente separado da violência e recusa que o limite do poder seja a coerção.

No capítulo seguinte, analisa minuciosamente a chefia indígena, incluindo o conceito de poliginia para seus chefes e ainda expõe o problema de falta de autoridade. Seguindo, aborda o conceito de exogamia, principalmente o casamento de primos cruzados.

O quarto capítulo, curiosamente trata de dados demográficos e se conecta ao problema da autoridade política se desdobrando em duas indagações:

“1. Serão todas as sociedades florestais da América do Sul iguais entre si ao nível das unidades sócio-políticas que as compõem?

2. Será que a natureza do poder político permanece inalterada quando se estende e se fortalece seu campo de aplicação demográfico? ”

Esta problemática surge na reflexão sobre a chefia nas sociedades tupi-guarani pois estes índios tinham chefes mais vigorosos e a densidade demográfica era nitidamente superior às médias.

Já em “O arco e o cesto”, exprime a oposição sócio-econômica entre homens e mulheres. Eles, caçadores, utilizando o arco como ferramenta e elas o cesto. Na sociedade guaiáqui existe a proibição recíproca destes instrumentos, onde o homem não pode tocar no cesto e a mulher no arco. Esta mesma sociedade tinha um problema demográfico onde existiam dois homens para cada mulher e a solução encontrada para assegurar a permanência do grupo foi a instituição do casamento poliândrico, onde as mulheres absorviam os homens excedentes como maridos secundários.

No sexto capítulo é exposto dois contos mitológicos indígenas que são cômicos porem veiculam e transmitem ao mesmo tempo a cultura da tribo.

No pequeno capítulo sobre o dever da palavra, onde poder e palavra estão intrinsecamente ligados, Clastres considera que o homem de poder é sempre não somente o homem que fala, mas a única fonte de palavra legítima. Porem, nas sociedades sem Estado, as tribos indígenas tratam deste

assunto diferentemente. Nestas sociedades a palavra é o dever do poder, ou seja, as sociedades indígenas exigem que o homem destinado a ser chefe prove seu domínio sobre as palavras. Um chefe silencioso não é mais um chefe.

Estas sociedades primitivas sabem por natureza que a violência é a essência do poder. E a forma de ter o chefe somente no movimento da palavra, garante que ele está no extremo oposto da violência, pois a sociedade é o lugar real do poder. Portanto, com o dever da palavra do chefe, tem-se a garantia que proíbe que o homem de palavra se torne o homem de poder.

Passando rapidamente pelo poder xamânico tupi-guarani, onde exercia sobre a tribo uma forte influência de caráter religioso, preservando assim o universo espiritual em contraste ao cristianismo, chegamos a sua filosofia religiosa, onde o Um é imperfeito, é o Mal. Porém, eles não descobrem o Bem, o Perfeito na dissolução mecânica do Um.

Revisando as leis indígenas, seus ritos de passagem, as torturas e seus ensinamentos através do sofrimento, Clastres afirma que as marcas deixadas no corpo em rituais de iniciação é uma marca impressa pela sociedade. E que a lei escrita sobre o corpo, é uma lembrança inesquecível.

Finalizando o livro, no último capítulo, coloca um marco entre as sociedades primitivas e as sociedades civilizadas que é o surgimento do Estado, uma revolução política. Revisita diferentes tópicos abordados nos ensaios anteriores como dados demográficos e religião para baser sua teoria de revolução política e máquina estatal determinadora das sociedades civilizadas onde o poder é coercitivo.

Ao longo de todos os textos, percebemos uma estruturação minuciosa, com dados específicos, referências e notas, e fica claramente exposto que a lógica predominante de Clastres é sem dúvida a lógica sistêmica. Inclusive a ordem em que os ensaios estão dispostos em capítulos vem demonstrar ao leitor uma revisão geral de todos os pontos culminando no último capítulo.

Raramente identificamos a utilização de outras lógicas, mas ainda assim é possível observar a lógica da diferença numa crítica clara a La Pierre no primeiro capítulo, e a lógica dialética utilizando da história em si para corroborar seus apontamentos. A lógica da identidade só pode ser intuída em pontos esparsos onde Clastres delibera sua opinião. De fato, é um livro totalmente inserido no ramo estruturalista da antropologia e assim provando a relação entre a lógica sistêmica e o estruturalismo.

Em anexo, um resumo das diferentes lógicas, os filósofos marcantes, as correntes antropológicas associadas assim como os antropólogos destas, os motivos para relacionar o fenômeno humano com o tipo de lógica e as dimensões do ser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Aristoteles>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Parmenides_de_Eleia

<http://www.culturabrasil.org/heraclito.htm>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Luiz_Sergio_Coelho_de_Sampaio

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Antropologia>

CLASTRES, P. *A sociedade contra o estado – Pesquisas de Antropologia política*, tradução de Theo Santiago – Editora Francisco Alves, 5ª Edição, 1990.

GOMES, M. P. *Antropologia hiperdialética*, São Paulo: Contexto, 2011.

ANEXO I

Tipo de Lógica	Filósofo	Corrente Antropológica	Antropólogos	Motivo	Dimensões do Ser
Identidade	Parmênides	Culturalismo/ Funcionalismo Particularismo Histórico	Franz Boas (1858-1942)	A cultura é o que é.	Princípio da Identidade/ Não-contradição.
Diferença	Heráclito	Escola Sociológica Francesa/ Funcionalismo Estrutural	Emile Durkheim (1858-1917)	A cultura ou sociedade é regida pelo inconsciente coletivo	Inconsciente
Dialética	Platão	Evolucionismo sociocultural/ Marxismo	Lewis Henry Morgan (1818-1891) Karl Marx (1818-1883) Friedrich Engels(1820-1895)	Assume o fenômeno humano como uma totalidade autocontida	História
Clássica	Aristóteles	Estruturalismo	Lévi-Strauss (1908 - 2009)	O fenômeno humano constitui um ser dentro de um todo que integra as outras três dimensões	Sistêmico
Hiperdialética	Sampaio	Antropologia Hiperdialética	Mércio Pereira Gomes (1950 - ?)	O fenômeno humano ordena de modo seguro e libertário as demais dimensões do sistema e demonstra a natureza transcendental do ser humano.	Integral